

VIVENCIANDO A PEDAGOGIA WOLFSOHN/MOLINARI: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO AMBIENTE RELIGIOSO

Erika de Matos Castilho

UNIMES – Universidade Metropolitana de Santos
erika.castilho@hotmail.com

Resumo: Este artigo é um relato de experiência da aplicação da pedagogia Wolfsohn/Molinari para o desenvolvimento musical, especialmente para música litúrgica. Seu objetivo é apresentar, na prática, a experiência com a Pedagogia Wolfsohn/Molinari ao meio acadêmico. Nele traremos uma breve apresentação do tema, trataremos sobre a aplicação da pedagogia no grupo vocal Feminino “Manancial”, através do I Seminário de voz realizado na Igreja Metodista Central em Cachoeiro de Itapemirim - ES com a Professora Dr^a Paula Molinari. No presente artigo relataremos o processo de conhecimento da pedagogia Wolfsohn/Molinari, analisando-se a atuação da professora mediadora, a reação das participantes do seminário e reflexões sobre o resultado da utilização da pedagogia.

Palavras chave: pedagogia; relato de experiência; espiritualidade.

Introdução

Falar da Pedagogia Wolfsohn/Molinari requer uma volta ao tempo, um retorno a história de Alfred Wolfsohn, Roy Hart e Paula Molinari, como se encontraram e como desenvolveram seus pensamentos e trabalhos para a real compreensão de seus objetivos.

Inicialmente Wolfsohn desenvolveu um trabalho vocal muito diferente do desenvolvimento vocal tradicional, a inexistência de gênero para a voz humana e a escuta por parte do professor/orientador com o objetivo de libera-la sem preocupação com os limites da tessitura. O valor terapêutico de suas aulas e o conhecimento interior que proporcionavam tornou seu trabalho procurado como forma de cantoterapia ampliando-se para a arte por meio da voz.

Importa sublinhar que o trabalho em si não é a terapia. Ele se vale de recursos cunhados na psicanálise, mas não se confunde com ela, ainda que uma das questões primordiais da busca de Alfred Wolfsohn fosse a solução de seus próprios dramas psíquicos. Sua conquista situa-se na interseção entre elementos da psicanálise, da música, da Filosofia e das artes plásticas, que constituem o terreno fértil de exploração da voz proposto por Wolfsohn (MOLINARI, 2013,p.47)

Destacam-se como difusores do pensamento de Wolfsohn, Roy Hart e Charlotte Salomon. Roy Hart, juntando-se a seus alunos, na busca de uma expressão livre da Arte, criou

o grupo Roy Hart Theatre, agregando ao trabalho de Wolfsohn, em sua tradução artística, a linguagem teatral à psicologia. Charlotte Salomon traduziu o trabalho de Wolfsohn para as telas, trazendo toda emoção e intensidade, dos contatos de Alfred Wolfsohn com seus alunos.

Na busca de uma definição dos trabalhos de Wolfsohn e Roy Hart, seus discípulos a maioria deles integrantes do Roy Hart Theatre, dentre eles Paula Molinari, tornaram-se estudiosos. Um dos resultados desta busca é a delimitação dos aspectos pedagógicos e que passa a chamar-se Pedagogia Wolfsohn/Molinari, já que Molinari a extrai do estudo das três fontes de conhecimento: obra de Charlotte, a vivência e convivência com os membros do Roy Hart Theatre e o material escrito e gravado sobre Alfred Wolfsohn.

O mais difícil é colocar em palavras o que se sente ao passar pela experiência pedagógica Wolfsohn/Molinari, visto que se desdobrariam em muitas páginas acabando por trazer um relato emocional, que poderia não ser tão útil para a educação musical. Ressalta-se a importância, no ambiente científico, do relato de experiência, uma observação participante como “uma tentativa de colocar observador e observado do mesmo lado, tornando-se o observador um membro do grupo de modo a vivenciar o que eles vivenciam e trabalhar dentro do sistema de referência deles”. (MANN *apud* LAKATOS 1991.p. 194)

Esse é nosso maior desafio. Nas linhas que seguem buscamos trazer um relato sobre o viver pautado em desvelar perspectivas que se apresentam no contato com a pedagogia.

O princípio

Minha experiência musical se deve toda a música na Igreja. Ainda criança me encantava com o som do piano, até que passei a frequentar aulas particulares. Depois de algum tempo, já estava acompanhando a congregação nos cantos. Devido à necessidade de instrumentista e regente, com o passar dos anos, fui convidada a trabalhar de forma remunerada na igreja para tal função.

Meu trabalho como assessora musical na Igreja Metodista me impulsionou aos estudos da Música Ritual, bem como o aprimoramento das habilidades técnicas para o desenvolvimento de minhas atividades que se resumiam em arranjos musicais, regência coral e preparação vocal para os grupos musicais da igreja.

Fui apresentada à Pedagogia Wolfsohn/Molinari no ano de 2010, em um curso de extensão com foco na formação litúrgico-musical, ecumênico, chamado CELMU. Ocorre

todos os anos, e contava com a professora Paula Molinari na preparação vocal do coro e na disciplina de técnica vocal.

Minha sensação foi a de que era diferente de tudo que eu já havia experimentado até então. Não há outra forma de referir-me a esse primeiro contato com a pedagogia. O trabalho corporal, a expressão, os sentimentos que surgiram a cada vocalize realizado em grupo, tudo isso me impressionou. Contudo, não havia me inscrito para o curso de técnica vocal, o que limitou meu conhecimento somente a aplicação ao coro. O conhecimento adquirido e realizado ali foi rapidamente aceito em meu trabalho com grupos vocais, gerando perguntas que eu não conseguia responder.

A primeira experiência

Traduzir em palavras o que se experimenta é um grande desafio. Como relatar o que acontece em nosso interior? Ao mesmo tempo, para a pesquisa em educação são os relatos de experiência que contribuem para descortinar as singularidades presentes em cada fazer pedagógico.

Tão grande e inquietante foi esse primeiro contato com o uso da voz nessa nova perspectiva. São detalhes como: a voz e a escuta da conexão que a conecta com a expiração, que é a palavra sem palavra; criar uma mediação entre o que conhecemos e o que não conhecemos em nós mesmos; a afirmação de que conhecemos todas as vozes de nossa voz; através da música chegamos ao lugar em nós mesmos para recuperarmos nossa compreensão de alma. São afirmações feitas por Molinari no curso de Pós Graduação em Música Ritual pela Faculdade de Campo Limpo Paulista - FACCAMP, que ingressei ainda em 2011. Nesta aula vivenciei minha primeira experiência em grupo da pedagogia Wolfsohn/Molinari, resultado de uma provocação para a compreensão de fenomenologia, mais especificamente, para chegarmos à compreensão da categorização em PEIRCE *apud* Molinari (2011, anotações de aula).

Nossa aula se dava em um local preparado para pequenas apresentações musicais, contando com uma boa acústica. Nossa turma consistia em oito alunos de diversos lugares do Brasil, poucos se conheciam ou tinham algum relacionamento. Foi proposto um primeiro exercício de exalação de ar, em círculo, olhos fechados, exalávamos nosso ar vocalizando a

vocal “a”, tal exalação deveria ser ininterrupta até que algo novo nos fosse proposto. Após algum tempo, por orientação da professora, cada aluno, sequencialmente, poderia criar melodias sobre a base das vozes e, aos poucos, retornar à base. Ao final deste momento, nos sentamos.

Este momento foi um divisor. Esta pequena e simples atividade transformou-se em um sem fim de significados. Estar com um grupo de pessoas pouco conhecidas e deixar-se abrir pela voz, sem palavras, somente sons imbuídos de sentidos que podiam ser apreendidos tal qual a capacidade de compreensão do outro, sem ter um ponto específico a alcançar, somente exalação e escuta leva à busca de significado, à busca de palavras para expressar o que foi sentido. Quando me identifiquei com a atividade houve a quebra de barreiras e paradigmas, emocionais, talvez. Senti que poderia cantar sem medo, vergonha ou pudor, pois naquele momento conheci minha voz e desejava que ela fosse conhecida pelos outros.

O grupo desconhecido passou a conhecido por tornar-se um potencializador do sentido, dirigido pelo condutor, figura na qual se pode sempre buscar suporte para que, através da voz a atividade proposta possa ser materializada.

A experiência precipita e filtra falsas ideias deixando verter a verdade. A condição para isso é abrir os olhos mentais e buscar as características que nunca estão ausentes, nas palavras de Peirce. (PEIRCE *apud* MOLINARI, 2013, p.62)

O último passo vê-se realizado agora: tornar geral, contribuir para a ciência, comunicar aos outros o que foi sentido e vivido.

Após esta primeira experiência eu precisava conhecer mais, aprender e viver a voz que havia descoberto em mim. Assim, a professora Paula Molinari foi convidada a trazer este trabalho vocal à igreja em que trabalhava e ao grupo feminino do qual eu era responsável.

A Pedagogia Wolfsohn/Molinari

1. Grupo Manancial

O Grupo Manancial é um grupo vocal, exclusivamente, feminino, formado há mais de treze anos, na Igreja Metodista Central, em Cachoeiro de Itapemirim – ES, com oito

integrantes, com idades entre 28 e 54 anos. O Seminário de Voz foi realizado entre os dias 07 e 10 de junho de 2012, no salão social da igreja.

O primeiro contato foi uma conversa rápida com as integrantes, perguntadas: quem eram, porque estavam ali e o que esperavam aprender; houve anotações por parte da professora Paula Molinari. Logo após, tivemos um recesso e retomamos para atividades à tarde.

2. A voz se apreende, não se classifica.

Um dos grandes diferenciais do trabalho de Wolfsohn/Molinari está no desenvolvimento da voz que comunica sem palavras com o interior da pessoa, promove rupturas através da expansão da tessitura vocal e na desconstrução do som, é buscar no som vocal o que há no inconsciente que o consciente retém, mas que pode ser escutado através da voz.

Esta proposta foi apresentada ao grupo que logo se surpreendeu com o trabalho, a escuta do grupo trouxe novas inquietações, o grupo não se escutava, foi minha percepção, mas, o trabalho realizado me levou a perceber que o essas mulheres não se percebia enquanto grupo, não ressoavam características próprias, não havia unidade. Para Wolfsohn:

a voz não se classifica segundo a tradicional noção de soprano, meio-soprano, contralto, tenor, barítono e baixo, e esse é um dos pilares de seu trabalho. Assim, o que se a busca são justamente as características femininas na voz masculina e das masculinas na voz feminina, pois o objetivo é buscar a unidade e consolidar a unidade conquistada (WOLFSOHN *apud* MOLINARI, 2013,p.60)

Essa busca se deu através de exercícios de conscientização sonora-corporal. O grupo foi confrontado com a consciência de um corpo soante buscando a emissão de diversos sons, com as mais distintas variações de timbre, impostação, entonação. Sons nasais, roucos, grito, sussurro, onde, observadas pela professora fomos conduzidas a atividades de liberação de nossa voz pelo não controle da emissão. Neste estágio começaram a surgir os primeiros sinais daquilo que chamarei de desconstrução interna da integrante, ora chamada “A”. A ausência de controle de sua voz fez com que, aos nossos olhos, ela perdesse o controle, não havia dissociação entre mente e emoção, nos levando passo-a-passo para o que vem a ser o objetivo:

a descoberta de outras vozes da voz. O descontrolo é liberador do som original ou daquilo que a pedagogia chamará de liberação das clausuras.

Em várias atividades esta descoberta foi buscada, ora pela busca de sons graves, ora pela busca de sons agudos, pela intensa atividade corporal para liberação e busca de caminho do som no corpo, mas, principalmente pela escuta interna, da voz e das vozes que ressoavam ao redor.

Sinto que ninguém pode aprender nada sobre o real funcionamento da música se ficar sentado, mudo, sem entregar-se a ela. [...] Todas as nossas investigações sonoras devem ser testadas empiricamente, através dos sons produzidos por nós mesmos e do exame destes resultados. (SCHAFER, 2011,p.56)

Esse momento foi um dos mais ricos vivenciados pelo grupo, na escuta pode-se redescobrir.

3. O *Setting* Educacional, sua construção.

Uma das características deste fazer musical é que o aluno é quem decide o objeto e ele mesmo é quem percorre o caminho, sempre guiado pelo professor que vislumbra onde se pode chegar, (MOLINARI, 2013. p. 65). A autora afirma, acerca do *Setting* educacional, que este constitui-se por vínculos, acolhimento, atitudes do professor de cuidado, bem como, com o ambiente e a preparação do espaço.

A criação deste espaço para o trabalho com o grupo deu-se de forma natural. Primeiro devido ao local de realização ser comum ao grupo e, segundo, pela forma que a professora interagiu desde o primeiro instante com as participantes. Para sua criação a música torna-se o veículo. Foi-nos sugerido um vocalize e, ao repeti-lo, deveríamos dialogar umas com as outras ora expressando nossos sentimentos através da voz, ora contando uma história. Também, visando a criação do *setting* educacional a interpretamos vocalmente numa história contada apenas com o olhar de outra integrante, criando laços, um momento que pudesse ser lembrado para se retornar quando necessário, e potencialmente, um exercício de escuta.

É notável como se cria um vínculo em tão pouco tempo, resultado do exercício de escutar o outro num estreito nível de comprometimento, com o cuidado de não projetar nada nele, mas apenas libertar seus conteúdos internos. O trabalho de voz em Alfred Wolfsohn é uma abertura das

clausuras. Esse lugar de experiência da liberdade que se cria é um lugar que precisa gerar confiança. (MOLINARI, 2013. p. 65)

A preocupação com o *setting* educacional vai além do lugar em si e do momento, o aluno de ser envolvido e incentivado a participar das atividades antes de sua ocorrência, o que também se deu quando da organização do seminário ora relatado, foram vários contatos via email com a professora para montagem de horários, atividades, local e preparação do grupo. Para cada atividade e horário foi pensado e informado sobre roupas, acessórios e possibilidades de lanches, já objetivando a interação professor/aluno. Este é o local de segurança do grupo para todas as práticas, esta segurança se dá quando tem-se a certeza de que há um cuidado envolvido para aquele momento e de que o participante pode estar aberto ao que lhe será proposto, pois desenvolveu uma confiança nos demais integrantes, e principalmente com o professor orientador.

4. A condução do som sugerido e a interpretação

Tratar da condução do som na Pedagogia Wolfsohn/Molinari implica dizer que o professor abre toda a sua percepção para análise do som emitido pelo aluno, respondendo a este som como guia ao caminho onde o aluno pode chegar.

No grupo Manancial esta condução se deu em diversos momentos através de músicas do repertório do grupo e à escolha deste. Após várias atividades, fomos convidadas a cantar algo do repertório já preparado do grupo. Sob o olhar e análise atentos da professora que propunha desafios ora físicos, ora de emissão, para que descobríssemos o caminho que levaria à voz em conjunto.

Através da canção “Amo o Senhor”, gravada por Fernanda Brum (MK Music), as participantes foram convidadas a expressar pela voz, e voz considerada como a expressão total do ser, o que a alma queria comunicar com as palavras.

A performance nunca se repete, ainda que se repita seu material. Esse momento de exposição da voz (phoné) que foi libertada de alguma clausura e é exteriorizada pela música (musa) em performance pelo aluno é absorvido pela escuta do professor, que está, ao mesmo tempo, construindo o *setting* educacional. Agora, ele vai além e sugere um caminho que escolhe ao receber o som do aluno e reagir a esse som com sua própria voz (vozcorpo). Na memória de seus registros de experiência – igualmente de libertação de suas clausuras pessoais –, pode encontrar algum sentido que o leve a decidir

que caminho tomar. Isso ajuda a construir a acepção da palavra interpretar aqui.. (MOLINARI, 2013,p.88)

O que se objetiva é a criação, foi assim com o grupo, a própria leitura da música, e não a simples projeção ou reprodução. Aquele momento de criação e interpretação não mais voltará, mas, sim, a memória de sua criação possibilitará uma nova performance para outras apresentações. O resultado para Molinari (2013. p. 90) é o de que a musica liberta a voz de sua clausura.

Neste ponto da aplicação da pedagogia, a experiência anteriormente vivida, do professor, é o ponto mais importante em seu papel de guia para que o aluno faça a conexão entre o profundo e o superficial (MOLINARI, 2013,p.49), há uma troca entre aluno/professor, um retorno da escuta onde o aluno é convidado a vivenciar o sentido gerado pelas palavras através da voz e não a revelar sua experiência, é retornar ao ponto de encontro entre as muitas vozes, a memória delas e executa-la. Assim, a pedagogia Wolfsohn/Molinari está fundada na experiência. Não há como orientar o aluno neste caminho sem antes passar pelo processo.

Discipulado como possibilidade de encontro

O resultado do seminário da voz e integração do grupo entre si e para com a comunidade foi marcante. Poder-se-ia dizer que o objetivo foi cumprido, mas, não para mim, ainda faltava algo inexplicável, indizível. Mantendo contato com Paula Molinari pude passar mais alguns dias de estudos vivenciando a pedagogia.

Nossos momentos de encontros, tal como com o grupo, foram organizados anteriormente, os locais foram reservados e as experiências partiram da escuta à da condução da voz. Experiência-se com tempo, com o conhecimento de sua voz interna e do canto de seu corpo através dela. Essa foi a experiência naquela etapa. Reviver momentos através da voz, retornar ao momento de criação do primeiro *setting* educacional e seguir adiante, buscando sempre a escuta. Aqui, seria possível pontuar várias experiências, decorrentes das aulas neste período, contudo, o objetivo final é a pedagogia, pois a experiência é particular e única para cada aluno.

Após esse período de convivência, o grupo de estudos Performance e Pedagogia Wolfsohn (CNPQ), liderado por Molinari, ganhou número maior de estudos e publicações que

possibilitam maior fluência no assunto. Todos os encontros, contatos internet ou telefônicos, levam ao estabelecimento de uma relação de ensino-aprendizagem constante, pois, como foi constatado durante o Seminário de Voz, com as integrantes do grupo e por mim, em minhas próprias experiências, a pedagogia visa a instituição de profundidade na relação, facilita pelos diversos meios que possam ser articulados como *setting* entre o aluno e o professor. Não é uma visão tecnicista, é uma pedagogia humanista.

E não seria justamente essa profundidade nas relações que se busca em um ambiente religioso? Sim. Por esta razão a pedagogia Wolfsohn/Molinari encontrou e encontra grande aceitação e fácil compreensão, gerando resultados não só na qualidade vocal, mas na qualidade dos relacionamentos de quem passa pela experiência, e em decorrência, na vida de toda a comunidade.

No ambiente religioso em geral, a compreensão da pedagogia torna-se fácil quando comparado à forma com que Jesus ensinou aos seus discípulos. Um tempo de observação, um tempo de aprendizado, para que, na sua ausência desempenhassem seu papel de disseminadores do que haviam vivenciado. Da mesma forma, a pedagogia Wolfsohn/Molinari, deve ser vivida, sentida, experienciada, para, só então ser aplicada sem supervisão. É exatamente este acúmulo de experiências que fará com que o aluno se torne professor/orientador, sem ela, ele será um mero corrependedor de atividades, sem chegar a real compreensão de sua amplitude, o descobrir e o guiar, a si mesmo e ao outro.

Referências

MOLINARI, Paula. Alfred Wolfsohn na obra de charlotte Salomon: uma cartografia que emerge da voz. 2014. 103f. *Tese* (Doutorado em comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, Centro de letras e artes.

_____. *Expressão Artística: a fenomenologia de Peirce*. 6-9 de jul de 2011. 15 f. Notas de Aula. Transcrito.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos da metodologia científica*. 3ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Atlas, 1991.

SCHAFER, R. Murray. *O ouvido pensante*. 2ª ed. São Paulo. Ed. Unesp, 2011.